Salomão Rovedo

A menina que amava Beethoven

(Conto inspirado na pianista Guiomar Novaes)

Rio de Janeiro

2001

(revisitado em 2018)

Na história da música Beethoven é classificado muitas vezes como a ponte que ligou os períodos clássico e romântico. É verdade, mas apenas em parte, pois ele foi o último renascentista, o último barroco, o último clássico, enquanto foi o primeiro romântico, o primeiro expressionista, o primeiro moderno, sua música é onde o passado desembocou e onde o futuro se baseou. Ele foi a ponte entre o que havia antes e o que viria depois.
(Gregório Calleres, compositor)

Beethoven: Sonata nº 30 para piano. Expressivo. Suave. Com profundo sentimento. São as palavras-chaves para a atmosfera dessa maravilhosa sonata. E quão apropriada é esta música, que foi dedicada por um compositor de 52 anos de idade à jovem e bela Maximiliana Brentano, de 19 anos.
(Arnaldo Senise, no CD abaixo citado)

Este conto foi baseado no artigo de Arnaldo Senise sobre Guiomar Novaes na contracapa do CD Guiomar Novaes - Beethoven Concerto nº 4 op. 58 - Gravadora CID - 1992. Excertos do texto estão ambientados no corpo da estória.

(Foto da capa retirada da página Guiomar Novaes no facebook)

I

Quando Elizabete Maria retornou da Europa, além do meritório diploma do Conservatório de Música de Paris, trouxe todos os recortes dos jornais que publicaram comentários sobre seus recitais. E seu maior prazer era mostrá-los às amigas que vinham visitá-la. Nessas ocasiões, seu rosto normalmente pálido, sofria uma mutação, avermelhava-se, adquiria uma cor púrpura, provocada pelos risos alegres. A revista "Classic", de Londres, como a se escusar diante dos leitores, publicou em editorial:

"Buscar descrever o que foi o recital Beethoven da pianista brasileira Elizabete Maria, seria a mesma coisa que tentar definir para um cego o que é a luz do sol".

Acho que vale a pena contar a curta trajetória de Elizabete Maria, porque temos cada vez menos a graça e o privilégio de, ante a luz do sol e de todos os astros, descortinar em total plenitude a nesga do gênio que foi, como artista, essa nossa pianista. Temos o som de algumas das suas execuções, é claro, mas são pouquíssimas – e nenhuma à altura dos prodígios que ela perpetrava. Então, vale a pena sim (convém repetir mil vezes), vale a pena tentar encontrar palavras que simbolizem a justa condição em que se põe a humanidade diante do fato miraculoso. Porque é importante que o legado deva ficar ao menos como lembrança, essa imortalidade menor. E ainda mais: quando o resto não passa quase sempre de lantejoulas, é bom relembrar Mozart, que dizia com propriedade:

"A música, como forma sonora, reina soberana e é preciso esquecer tudo o demais".

Elizabete Maria nasceu em Rosário, cidadezinha do interior maranhense próxima à Ilha de São Luís, sétima filha de numerosa família, quase todas eram mulheres, às quais se somavam dois homens. Tinha os cabelos louros encaracolados e os olhos azuis da avó catarinense de origem nórdica. Sendo de compleição frágil, a mais frágil das irmãs, era difícil prever-se qual seria a sua trajetória futura, mas o milagre que a acometeu muito cedo tirou todas as dúvidas. Mal aprendeu a ler e falar diante da espantada família sentava-se ao colo da mãe e dedilhando o velho piano a quatro mãos executavam valsas e polcas brasileiras. Um pouco mais tarde se aventurou sozinha, reproduzindo de ouvido o que

escutava, deixando as pernas curtas flutuando num vai e vem ritmado, quando sentada ao banco do piano.

Na verdade o milagre era mais devido à força e determinação com que buscava compensar a fragilidade física, para se colocar em igualdade de condições ante os demais irmãos. Cansara-se de ser tratada com excessivo desvelo, como se fosse um doente inútil e esse esforço foi premiado com o apoio irrestrito de toda a família, mestres e amigos. O piano a igualava a todos e muita vez dava até certa vantagem – afirmavam os seus conterrâneos. Primeiro, o professor, padre Chiafarelli, que pegou suas mãos alvas e delicadas, de dedos longos, dizendo que Elizabete Maria tinha *mãos de pianista*. Todos foram unânimes em ressaltar o talento incomum, bem antes que imaginassem ler coisa alguma do que a seu respeito diriam mundo afora os maiores especialistas, os mais respeitados mestres, os mais famosos críticos e, por fim, as plateias apaixonadas dos seus recitais beethovenianos.

Enquanto suas irmãs se limitavam a se preparar para casamentos sólidos, Elizabete Maria exigiu tratamento diferente. Resulta que ela foi encaminhada para os estudos regulares de piano aos seis anos, completando a formação, primeiro em São Luís e depois na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Após dois anos na Escola Nacional de Música saiu, aos 14 anos, já pianista consumada. Depois do que, ela obteve a chancela do Itamaraty, o diploma e bolsa de estudo para se aperfeiçoar no Conservatório de Paris. Apesar de tocar todos os compositores de piano indistintamente, a sua dedicação à obra de Beethoven acabou se transformando em paixão e culto.

Na Cidade Luz teve que fazer um exame introdutório, no qual foi admitida em primeiro lugar, vencendo cerca de 500 candidatos originários de vários países. Claude Debussy pertencia à banca examinadora e se rendeu cativado quando deu o parecer:

“A personalidade artística que mais sobressaiu entre todas as sementes é uma jovem brasileira. O seu olhar é inebriado de música e, quando está ao piano, possui o poder de se isolar de tudo que a circunda, sinal característico e raro do verdadeiro artista”.

Contrastando as feições delicadas e o corpo frágil com a febre de agitação, enquanto cumpria estágio no Conservatório durante os estudos, começou a aparecer em concertos, tanto para assistir como para executar

as sonatas de Beethoven, suas preferidas. Acompanhada do irmão mais velho, ambos ficaram deslumbrados com as cidades europeias, ela aprendeu a circular por Paris com desenvoltura. As apresentações informais começaram a se avolumar a ponto de abalar a rotina das plateias e da crítica especializada.

O que se poderia esperar da moça que chega a um templo da costura mundial e ao invés de se derramar pelas ruas das mais formosas lojas de modas e peles, das vitrines cheias de modelos vestindo as mais afamadas marcas de estilistas, busca o silêncio? O que faria uma moça do interior se recolher a um apartamento na Cidade Luz, ao invés de se enfeitiçar pelas joias ou perfumes das mais afamadas fragrâncias, se deixar levar pelo sabor do champanhe e pela beleza e charme dos pratos que levaram a cozinha francesa ao ápice, pelos restaurantes à margem do rio Sena? Pois em vez de desfrutar tudo isso Elizabete simplesmente se entocava quase incomunicável nas salas de aula, nos salões de concertos, nas editoras de música, finalmente convivendo entre os mais famosos compositores, os mais respeitados e exímios pianistas, violinistas, maestros – o mundo musical.

Após dois anos de estágio, Elizabete Maria arrebata o Primeiro Prêmio no respeitadíssimo concurso do Conservatório de Paris, que tinha como examinadores alguns dos maiores compositores da Europa, inclusive o já citado Claude Debussy, num justo eco à consagração que seu talento provocara. Seus olhinhos azuis, a testa alva vincada, a posição debruçada sobre o piano, uma concentração indevassável, a cabeleira loura iluminada, tudo isso chamou a atenção de alguns, que começaram a compará-la com o ídolo Beethoven. *Um Beethoven de saias!* – publicou um jornalista mais afoito.

Após o exame excessivamente rigoroso diante das mais eminentes figuras da música europeia, ela obteve o primeiro dos cinco prêmios que foram concedidos aos melhores participantes. As provas, pela alta qualidade dos executantes, atraíam ao Conservatório de Paris numeroso público, críticos influentes, jornalistas, editores musicais, empresários e expertos musicais. Quando ao final das apresentações o nome de Elizabete Maria apareceu em primeiro lugar, o público se pronunciou numa inesperada reação, começando a gritar seu nome em uníssono. A aluna teve que repetir a prova para satisfazer o público exaltado e nenhum silêncio foi mais absoluto daquele que se fez quando seus dedos levíssimos e enérgicos começaram a tocar as teclas. Ao final a ovação se

repetiu e no dia seguinte a douta Europa de todas as artes proclamava através da imprensa a seu respeito:

> "Elizabete Maria é a mais bela natureza de pianista com que se possa sonhar, ouvindo as obras de Beethoven".
>
> "As sonatas de Beethoven tiveram na intérprete Elizabete Maria o talento mais perfeito, mais formoso e mais impressionante, que não se encontrou jamais em um pianista".
>
> "Inesquecível recordação: a sala apinhada, metade da plateia em pé, a aclamar a pequena jovem Elizabete Maria que se agigantava sozinha num recital de piano de oito difíceis peças beethovenianas".
>
> "Tão diferente dos demais, o que impressiona em Elizabete Maria é a autoridade de estilo. Extraordinário, inverossímil. O próprio Beethoven não hesitaria em dizer: – Simplesmente fantástico!".
>
> "Ao fim do recital de Elizabete Maria, reinou na sala a atmosfera de júbilo comovido, a sensação rara de imensurável deleite. A sombria figura do mestre alemão pousava onipresente sobre a plateia.".
>
> "Elizabete Maria, dona de técnica avançada, perfeição absoluta, num reinado metafísico, que a possibilita executar tudo, impondo-se nas provas mais árduas que o gênio de Beethoven produziu".

II

O que impressionava tanta gente era o contraste entre o que viam e o que ouviam: uma mocinha, uma adolescente de feições delicadas, frágil, cujos dedos longos e finos circulavam livres no teclado, um universo sem fronteiras, acolchoando todo o ambiente com ressonâncias monumentais. O auditório lotado prendia a respiração quando Elizabete Maria principiava a tocar. De início seguia a partitura exposta à sua frente, mas depois mergulhava na música de maneira tão profunda que até a auxiliar que virava as páginas esquecia-se de fazê-lo.

Em todos os concertos para os quais Elizabete Maria fora convidada, nas mais importantes salas das capitais europeias, deixava estonteadas as mais altivas personalidades do mundo artístico. Um frenesi sublevava as plateias e musicólogos, professores, compositores e a crítica, viram-se na obrigação de rever conceitos sobre a arte do piano. Exagero ou não, nossa artista era comparada a Chopin, Liszt, Busoni, Rachmaninoff, simplesmente os maiores pianistas de todos os tempos.

Elizabete Maria, com menos de 15 anos fazia tremer as regras, abalando as noções do que a arte de interpretar ao piano dizia respeito até então. Cada apresentação era um verdadeiro vendaval de assombrosas referências. A pacata Suíça estremece. Na famosa e respeitabilíssima Academia de São Petersburgo, onde passaram Tchaikovsky e Rachmaninoff, foi aplaudida de pé. De passagem pela Áustria tocou no Festival de Bayreuth como convidada. Da Alemanha à Itália os jornais, os críticos musicais, as plateias, se manifestavam espantados com o prodígio. Em Londres o mais circunspeto crítico do The Time se deixava levar:

“O seu poder de interpretação é algo de anormal, mas ela é verdadeira, real, simples e cativante”.

Somente depois que seu nome se consolidou, que as águas turbulentas se acalmaram, Elizabete Maria se deu ao luxo de aceitar os convites para visitar alguns templos da moda. Tirou momentos de folga, gozou o privilégio da fama e pôde até se perder pelas vielas e admirar as vitrines cheias de belos vestidos, casacos de pele, roupas da marca de estilistas que enchiam as páginas das revistas de alta costura. Assistiu a desfiles, desfrutou o anonimato e a fama, deixou-se levar pela magia de uma taça de champanhe gelada, pelo sabor inigualável da cozinha francesa, apreciou passantes da Cidade Luz, gente comum que circulava pela margem do rio Sena.

Livre, enfim, do sacrifício das aulas e dos concertos, Elizabete Maria convive com o povo da rua, anônima ouve os músicos que tocam para viver nas portas dos bares, simples músicos, violinistas que executavam cançonetas francesas para o deleite dos turistas. Enquanto isso, à sua volta se instala o pasmo: tudo que acontece em torno da pequena pianista a imprensa documenta fartamente.

"Santo Deus! Um gênio do piano, se é que antes já tenha existido algum".

Quem assim se revela é o eminentíssimo crítico Hamm Franklin. O decano filósofo Johann Herbert, o mais temido, mais sábio e ilustre dos musicólogos, que um dia declarou execrar a maioria dos *tocadores de piano* e quase toda a totalidade dos executantes de Beethoven, no New York Times confessa sem medo de ser redundante:

"Nem todas as gerações terão a felicidade de ouvir uma Elizabete Maria, principalmente quando interpreta genialmente, o gênio Beethoven".

Do New York Herald:

"É uma lástima que Bach, Gluck, Chopin, Liszt, Rubinstein, Debussy e principalmente Beethoven, não estivessem presentes no Classical Hall para ouvir a mais talentosa pianista que aqui se apresentou".

O New York Tribune continuava a cantilena de notícias sobre Elizabete Maria:

"Após o recital da pianista Elizabete Maria, os insistentes, inúmeros e repetidos pedidos de bis *e mais* bis *de uma plateia hipnotizada, que se recusava a abandonar o recinto, forçou a direção do teatro a solicitar auxílio da polícia para que se retirasse o público".*

Para se ter ideia do que se disse quando Elizabete Maria interpretava Beethoven, há de se recorrer a Harriette Brower, em "Piano Mistery":

"A técnica é uma arte em si mesma. Mas nenhum problema parece se opor à pianista Elizabete Maria, nem qualquer dificuldade, tudo é tecnicamente vencido".

"Seus glissandi ondulam entre os altos e os baixos do teclado com beleza e tanta maciez que jamais os superam as mãos de nenhum outro pianista que se tenha memória. Seus acordes são cheios e suntuosos, seus trinados uniformes como cantos de pássaros".

"O ouvinte tomba assombrado ante tal soberbia e se põe a imaginar onde ela teria adquirido técnica tão consumada. Em Elizabete Maria se deslumbra o gênio interpretativo que capta o sentido íntimo da composição, desvelando a mensagem poética e emotiva, que ela é capaz de comunicar com vigor e encanto tão persuasivos quanto extraordinários".

III

Então é fácil imaginar a comoção que tomou a todos quando Elizabete Maria retornou da Europa e chegou à pequenina cidade de Rosário, após receber as devidas homenagens, dar entrevistas e cumprir recitais na capital São Luís. Com que orgulho exibia para as irmãs, os pais, as amigas, o diploma de Honra ao Mérito do Conservatório de Paris, os recortes dos jornais, agora organizados por país e data, os comentários traduzidos, rasgados, elogiosos, sobre os recitais dedicados exclusivamente à música de Beethoven.

A revista Classic, esta chegou inteira e novinha, mas pouco depois, o editorial que impôs a toda Europa humilde confessava:

"Buscar descrever o que foi o Recital Beethoven da pianista brasileira, seria a mesma coisa que tentar definir para um cego o que é a luz do sol". A revista logo estaria amarrotada, as folhas amarelecendo rápido, tantas foram as mãos suadas de emoção por que passou.

Visita especial dedicou Elizabete Maria ao seu primeiro mestre, padre Chiafarelli, que, aos 80 anos, tocou nas mãos delicadas de dedos longos – *"Mãos de pianista"* ele dissera –, como a predizer o futuro. O velho padre a recebeu com os olhos marejados, mas sorridente e emocionado. Ela não perdeu a oportunidade para conversar bastante e ao fim recebeu – igualmente emocionada – as bênçãos do dedicado mestre. Elizabete Maria foi ao órgão executar a peça de Bach que mais agradava ao idoso clérigo.

A cidade de Rosário, com seus cantinhos secretos guardados da infância acolheu com aconchego a celebridade, mas também lhe deu espaço para o merecido descanso. Depois do turbilhão, após a euforia da chegada, sua vida se tornou mansa como a cidade às margens do rio. Na sua residência choviam cartas, convites, cartões, publicações mandadas de todos os lugares em que passou, chegavam centenas de contratos para

concertos, gravações, planos para as trinta e três sonatas de Beethoven. Era o sonho de se tornar concertista que estava prestes a ser realizado, mas, por força do destino, somente parte desse sonho se confirmou. Afora algumas gravações feitas em São Luís mesmo, com equipamentos que não eram os mais modernos, Elizabete Maria não pôde cumprir nenhum dos demais compromissos.

Com todo esse aparato e com o coração comovido, só então alcançaríamos o poder de distinguir a qualidade do tesouro que se perdeu com a morte de Elizabete Maria, antes de completar 18 anos, quando se consolidava mundialmente a fama de ser a maior intérprete do genial compositor germânico, o maior fenômeno pianístico deste século. Os pais e irmãos não quiseram enterrá-la no cemitério público: não combinava com o espírito libertário de Elizabete Maria. O corpo foi depositado no *Sítio Saudade*, de propriedade da família, às margens do rio, sob um pé de ipê amarelo, onde Elizabete costumava se isolar em meditações serenas. Assim estariam sempre próximos dela.

Hoje já nem se distingue mais o local nas proximidades do ipê, a não ser por instinto, porque o capim e os arbustos já recuperaram o espaço que era seu por natureza. O irmão mais velho Salvador Jorge, que a acompanhou na viagem à Europa, guarda a página do Diário com a impressão digital das mãos de Elizabete, entre desenhos, recortes e frases que os irmãos faziam se divertindo, no tempo de uma juventude interrompida.

Para escrever sobre o talento que foi Elizabete Maria, teríamos que recorrer a um requintado vocabulário, uma gama de adjetivos aplicados ao superlativo. Mesmo assim seria tarefa árdua, porque, não sendo um fato sobrenatural, era o gênio de Beethoven que a dominava quando estava ao piano. É também das poucas pianistas que não se pode descrever sem usar as expressões requintadas: temos de apelar para o excepcional, o exagerado, o comovido. Apesar disso, hesita-se na escolha de qualificativos que a definam, tão gastas pelo uso, em tantas línguas, têm sido as expressões de homenagem aos pequenos gênios, que surgem e se esfumam a todo o momento.

Não podemos esquecer que Beethoven conquistou espaço na história da música muito em parte graças às composições instrumentais. Portanto, somente quando compreendermos a mensagem de um artista solitário, integrado à natureza das coisas, que sempre pregou a liberdade

e o direito à expressão individual, só quando estivermos totalmente de posse do som de Beethoven em nossa alma, poderemos nos permitir o luxo de entender o que foi a iniciação de Elizabete Maria pela música.

O que sabemos de definitivo é que ela está eternamente unida ao compositor pelo envolvimento adquirido nos dois anos mais turbulentos e emocionantes de sua vida.

FIM

Rio de Janeiro, Cachambi, abril de 2001 (revisitado em maio de 2018).

© Salomão Rovedo